

O PEREGRINO DA LUZ

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO

*Ministro do Superior Tribunal de Justiça,
Professor Titular da PUC-RJ e
Membro da União dos Juristas Católicos*

“Deus está conosco”. Esta foi a última oração do Beatíssimo Padre da homilia proferida na missa campal no Aterro do Flamengo, coberto por cerca de dois milhões de pessoas. Podemos agora dizer: E o Papa também.

A presença de João Paulo II no Rio de Janeiro tem um significado todo especial. Os números mostram com insistência que estamos perdendo a religiosidade. Somos católicos no exterior, mas não guardamos a nossa fé no compromisso da militância diária. Na verdade, as nossas obrigações como católicos têm sido relegadas a um plano secundário. Não aderimos por completo no sentido da mensagem da Igreja. Pelo contrário, enfrentamos a hierarquia com aquela doce arrogância de quem ergue a própria doutrina para expressar a sua fé.

Sabemos todos que os tempos estão diferentes na ambiência de uma sociedade que tem tantos ingredientes propícios para a desagregação dos costumes. É uma sociedade com apelos outros, na disseminação de uma cultura voltada para o corpo e não para o espírito. É claro que somos todos pecadores na dimensão católica do termo. Mas a questão é que não temos coragem de confessar os nossos pecados para nos redirmos na busca da felicidade maior do encontro com o Senhor.

João Paulo II na sua terceira viagem apostólica ao Brasil escolheu a marca da família para renovar a nossa fé na mensagem cristã. É uma dura experiência revisitar o ontem de nossa primeira formação católica, que a vida foi diluindo a um ponto extremo de nos tornar meros espectadores culpados, para lembrar o velho Thomas Merton. Ser católico

reclama uma adesão que precisa ser revivida, na união do laicato com a hierarquia, na interação do pensamento e da ação, na busca do melhor caminho para unir os católicos na fé, principalmente na fé. Uma fé que não necessita ser fanática, mas que exige militância na propagação da mensagem do Senhor.

A expressão desse retorno é a volta aos compromissos religiosos, a começar pela presença na missa, ao menos dominical, pela difusão dos princípios do cristianismo, assim o fortalecimento da família, centro da vida social, força das nações, expressão da perfeição humana, pela defesa da vida desde a concepção, pelo exercício da solidariedade, bem-aventurança dos que querem servir aos desígnios de Deus.

Nesse particular, a hierarquia e o laicato devem voltar-se para o ensino ministrado nos colégios católicos. Poucos são os que vêm nessa passagem uma força para saciar o seu conhecimento das coisas de Deus. Nós sabemos que há aqui um vazio, mesmo reconhecendo que o combate diário estimula a divisão, a revolta, a distância. Mas a formação é que vale para o homem. A proximidade com a mensagem de Deus é missão que os centros universitários católicos não estão conseguindo realizar com êxito. Na verdade, estamos todos perdidos nesse compromisso e, com isso, não há sustentação humana para difundir a mensagem adormecida que a visita de João Paulo II despertou com grande vigor.

O Beatíssimo Padre, desde o início de seu Pontificado, compreendeu o seu papel. Rigoroso na doutrina, mas aberto ao mundo, João Paulo II encarnou Cristo peregrino preparado para a virada do milênio, que pode ser o milênio da luz pela fé, pela redescoberta de valores para construir uma nova civilização, menos traumática, menos destruidora do humano, menos desigual. Andar pelo mundo, com o sacrifício dos anos que avançam, mas com a força de uma grande fé e um senso de dever pastoral que irradia luz pelo mundo, é o sinal de seu Pontificado, o Pontificado de um Peregrino da Luz.